



SETÚBAL

A caminho com dois filhos ao encontro de sua mãe que está na cadeia

SÁBADO Santo, em manhã radiosa de luz e calor, pus-me a caminho com dois filhos ao encontro de sua mãe que está na cadeia.

Os sentimentos emergentes da celebração litúrgica do dia casam-se bem com os suscitados pela longa peregrinação, até chegarmos à cidade onde está detida. Os grilhões da morte, envoltos em trevas e luto, perspectivam quantos perderam a liberdade por causa do crime e da penúria.

Visitar um preso é acender uma luzinha de Esperança, fruir uma consolação incomparável.

O Jorge e o Zé, desde a véspera, cantavam aleluias de alegria, na expectativa de verem a sua mãe.

Enquanto pelo caminho, observava as searas imensas prematuramente loiras e raquíticas pela ausência de chuva, discorria, comigo mesmo, sobre o fenómeno humano que me acompanhava. Idêntico. Aos pequenos faltou a família — chuva que alimenta e faz produzir humanidade. Iniciados no caminho do submundo, Deus interpõe-me na rota das suas vidas! Uma horrível, mas real visão recordava: As manchas negras na cara do seu desequilibrado e doente pai indicadoras claras da injeção de narcóticos. A pestilente cafurna onde dormiam. O cheiro nauseabundo que exalavam. Os cabelos exageradamente compridos, as orelhas furadas, as faces macilentas, a escuridão do olhar! Os dois com 10 e 13 anos na 2.ª classe; 54 faltas e duas presenças na escola, até ao Natal. Depois uma hipócrita assistência a que chamam «meninos de rua!» A seguir a injustiça do Tribunal da sua terra com queixas e ameaças, por mim repudiadas veementemente!

O Jorge e o Zé são outros! Crianças que encontraram aqui o seu ambiente natural. Felizes, normais, aplicados, dedicados e gratos como poucos!

Passava-me pelo coração o mistério da Morte, da Sepultura e da Ressurreição do Senhor!

Sentia-me peregrino a reflectir e a rezar!

Pelo fruto saboreado de antemão, denunciava dentro de mim tantas peregrinações vazias e esvaziadas feitas por esse mundo fora!..., perguntando-me porque se não há-de também publicitar estas, cheias de atractivos sobrenaturais, sublimes e eternos!?

Em quase todas as cidades há cadeias, repletas de gente! É tão fácil! É tão barato! Dentro destes «santuários», muito escondido, está Ele! «Estava preso e visitastes-Me.» Ele, o Senhor. Vivo. Não com milagres e sensacionalismos, mas mascarado como na Paixão.

Galgados os 300 km, chegámos antes da hora da visita e aproveitámos para comer o nosso almoço: pão, queijo, sumo, maçãs e bolos frescos — tudo ofertas pascais. Nada comprado. A sombra apetecida de um prédio perto da prisão, sentados no parapeito de uma janela baixa e larga, fomos conversando acerca do longo tempo de reclusão da mãe, das visitas, da ansiedade visível neles, da alegria e da festa que iria acontecer quando ela inesperadamente os visse!...

Os rapazes riam, saltavam de felicidade enchendo-me de júbilo!

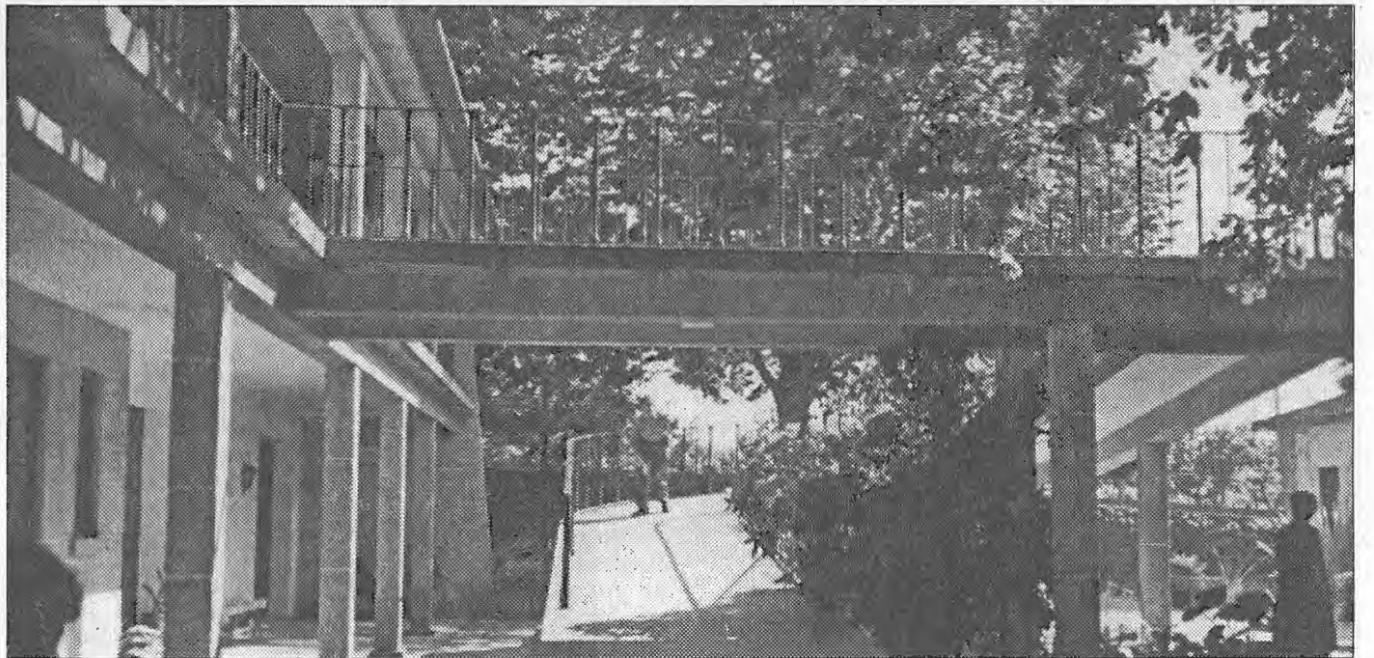
Entrámos sem dificuldades, tendo deixado, cá fora, as chaves, as moedas — o metal. Depois de tudo revistado, o aparelho encostado à minha anca direita continuava em alarme ininterrupto. Intrigado com o comportamento da máquina tirei para fora os bolsos das calças pondo-os às avessas. Nada!... Foi então que me lembrei dos aços os quais me seguram o fémur aos ossos da perna!

— *Prá outra vez traga uma radiografia!* — disse o guarda.

A sala de visitas da cadeia encheu-se. Pelo aspecto dos visitantes, pela sua forma de estar, verifica-se facilmente que são pessoas pobres. Os degradados igualmente!

Sempre me impressionou negativamente esta particularidade da justiça humana: só os pobres é que estão presos!... Naturalmente os ricos não cometem crimes!...

Padre Acílio



O João (na curva da rampa) nunca se cansa! Labuta o dia todo.

Calvário

Duas forças essenciais

DUAS forças essenciais levam o homem ao trabalho: o dinheiro e o amor.

Com a primeira satisfazem-se as necessidades vitais próprias e familiares. Com ela alimentam-se igualmente muitos caprichos e vícios. Naturalmente que o dinheiro é necessário

ao homem, mas não deixa de ser tantas vezes elemento prejudicial.

Normalmente para quem é levado por esta força ao trabalho, este é um fardo mais ou menos penoso.

Com a segunda força, de ordem mais elevada, o motivo e a recompensa do labor dispendido estão dentro do próprio homem. O cientista, o investigador, o artista e até o

político(?) movem-se por necessidades interiores. Para estes o trabalho é um deleite que dá prazer e alegria.

Evidentemente que ambas as forças podem coexistir. Mas para quem agir apenas por dinheiro, o labor efectuado é seguramente um fardo. Pelo contrário, quem actuar por amor, paixão, nunca se cansa nem fatiga — mas ganha talvez mais forças ainda.

O João nunca se cansa

O João, criança de quarenta anos, está connosco há vinte. Nunca se cansa. Ele labuta o dia todo. Não há cuidado a realizar que ele descuide.

Quando passa por mim pergunta sempre: — *Tu és meu amigo?* E ao meu sorriso responde logo: — *Eu também sou teu amigo.* E lá vai contente com mais força e coragem para o trabalho. Ele nem sabe distinguir o dinheiro. Mas tem outra paga.

A tia Alice morava em velha habitação dum bairro degradado e só, sem família. Lentamente foi perdendo o gosto pela vida. Perturbações mentais tornaram-na uma indesejada. Ultimamente, passava o tempo a carregar para a sua morada, tudo quanto encontrava nas ruas — papéis, trapos, caixas... Um armazém de lixo era o seu mundo!

Veio entretanto para o Calvário. Levou tempo a desintoxicar-se. Hoje anda pelos jardins, de vassoura na mão, a varrer, a alindar as alamedas.

Passo por ela e saúdo-a. Responde com naturalidade um bom dia. E acrescenta: — *Isto aqui está muito sujo. Ando a varrer para tudo ficar mais bonito!*

Final a tia Alice encontrou-se, revelou-se. E hoje alinda, quando há bem pouco tempo fazia o invés.

Não creio que haja força mais forte do que o amor para levar o homem a ocupar-se com alegria, com entusiasmo.

Património dos Pobres

E o fogo tudo comeu

CENAS de muita aflição. A notícia foi-nos dada por sacerdote que tem procurado amar os Pobres. Tem acudido a muitos. Tem sido um bom canal. Eis a carta:

«A Adelaide anda muito triste. Esqueceu-se da vela em cima duma caixa de fósforos sobre um móvel, quando esteve a rezar de manhã e saiu às compras. Quando chegou só tinha a roupa que trazia no corpo e a dos filhos e marido também.

O povo juntou-se. A casa estava em cinza. Ela na praça quando ouviu a sirene dos Bombeiros e lhe disseram.

Ficou sem dinheiro. Ardeu tudo. A casa era toda forrada a madeira e o soalho também tinha muita mobília antiga. Ela tem 62 anos e agora anda de casa em casa, a trabalhar às horas para pagar o empréstimo. Para fazer a habitação teve a mão de obra de graça. Os amigos dos filhos juntaram-se e fizeram-lhe o prédio até ela vir para lá. Chora a sua grande dor. Veja se pode ajudar.»

Que havemos de fazer perante estas vidas atribuladas? Juntarmo-nos à solidariedade daquele povo. Solidariedade aqui é palavra

autêntica, não é política nem da moda. Dar as mãos.

O que cada povo podia fazer se desse as mãos! Que obras maravilhosas temos encontrado por esse Portugal fora! Estamos sempre a tempo.

Aflições de pais

Estes pais que pedem a nossa ajuda estão muito aflitos. Ele é o único que trabalha. Trabalha a dias. Ela sofre doença muito grave e está à espera de fazer 30 anos para ser operada. Têm três filhos e o de nove anos com doença gravíssima.

O médico aconselha um quarto individual para o menino, com casa de banho própria, para lhe ir amparando a vida. São só esperanças.

Não podemos negar a nossa ajuda. Trata-se de salvar o filho. Só pode ficar indiferente quem não tiver coração. Os pais, quando o são na verdade, fazem tudo para salvar os filhos. Chegam a fazer coisas que pareciam impossíveis.

Este caso ainda nos pareceu mais gritante. A mãe está gravemente doente. E a sua doença aumenta com a do filho. Ela quer salvá-lo e pede a nossa ajuda.

Padre Horácio

Continua na página 2

O NOSSO JORNAL

Um bocadinho de história com passos que já aqui gemi

Se lhe não quisesse tanto — com aquela força misteriosa que me fez querê-lo antes de o conhecer, a qual me levou a procurá-lo em Lisboa e a achá-lo na Casa do Ardina, na Calçada da Glória, onde adquiri o número 1 e os seguintes até me inscrever seu assinante em terça-feira de Carnaval de 1947, a primeira vez que visitei Paço de Sousa — teria passado a querer-lhe desde que as «dores de parto» de cada edição me couberam (vai em 39 anos); e mais ainda, em razão de outras dores, as da expedição, que começaram há uns quatro anos.

Um bocadinho de história com passos que já aqui gemi:

Com a ameaça de ruptura da velha *cytograph*, pensámos na informatização do jornal e no seu envio devidamente cintado conforme as regras internacionais, apesar de não exigidas internamente.

O encontro com os primeiros informatizadores foi uma decepção que não quero lembrar. A máquina de cintar custou, mas conseguimos-na na Imprensa Nacional. Tudo bem, julgámos... Só que nem aquela, nem nenhuma (como se veio a constatar de diligências junto de quem por esse mundo as fabrica) tem sensibilidade para operar com a pequenissima espessura d'O GAIATO.

Novo rumo se impôs: a etiquetagem. Porém, a grande tiragem do jornal não se compadecia com as máquinas que havia no mercado, por demasiado frágeis. Mais pesquisas e conseguimos nos Estados Unidos a máquina robusta que aí está desde Janeiro de 93 dando boas provas. Respirámos de alívio..., mas o alívio durou pouco. É que, entretanto, vem a exigência da embalagem do jornal, com cinta, em envelope ou saco de plástico. A hipótese da cinta estava arrumada. O envelope saía caríssimo. As máquinas de plastificar de que fomos sabendo, reduziam o ritmo da expedição a um terço do que já praticávamos e ainda assim, as mais rápidas eram de alto

preço. Finalmente surgiu uma, italiana, montada em Espanha, mais equilibrada entre preço e velocidade, que, depois de testada lá, aí está. A edição passada foi parcialmente expedida por ela. Esperamos que este número saia já na totalidade.

É admirável como nas horas difíceis nos faz Deus sentir o Seu bafo, através da compreensão e delicadeza dos homens! Neste tempo de excepção em que não pudemos cumprir as normas impostas a todas as publicações, foi inexcusável (amorosa, me apetecia dizer!) a generosidade e paciência dos altos comandos dos C.T.T. neste sector; e também registamos com muito enlevo o comportamento de outros editores que, estranhando, embora, o facto d'O GAIATO sair à moda antiga, não reclamaram. A uns e outros a nossa gratidão.

Duas outras aflições aconteceram entretanto: A «tempestade» que varreu o sistema informático e nos impediu o envio do jornal desde princípios de Dezembro último até meados deste Janeiro; e o *porte-pago*.

Daquela (e ainda não estamos totalmente

recompostos!) me queixei há pouco. A cessação do *porte pago* foi outra tempestade que se levantou há um ano, a qual, com muitos outros parceiros, tentámos amainar. Julgámos que sim, que voltara a bonança. Mas eis que em princípio de Abril nos surge, *seca e peca*, a factura dos CTT relativa a Janeiro (afinal englobando também a de Dezembro em razão da primeira tempestade que indiquei): cerca de quatro mil e duzentos contos. Não ganhámos para o susto! E o susto desta conta ainda não passou! Mas a continuação do *porte-pago* está já sanada graças a Deus; e uma vez mais com a muita compreensão e carinho daqueles de quem tal dependia.

Eu peço desculpa aos Leitores deste queixoso arrazoado. Mas O GAIATO é de todos. É o lugar do nosso encontro. O meio de todas as nossas partilhas, das alegrias e tristezas que, desde há 51 anos, nos estabelecem em comunhão.

A todos nós dê Deus a abundância da Sua Paz.

Padre Carlos

Benguela

Um combate contra a miséria

QUEM lida, todos os dias, com a miséria corre o grave risco de se tornar insensível diante de situações gritantes a pedir socorro imediato. É uma tentação terrível!

Estou a escrever em pleno tempo pascal. A Páscoa foi celebrada ontem. E, ontem mesmo, dei com duas crianças que mais pareciam um esqueleto coberto ainda de pele, embrulhadas em farrapos, debaixo duma árvore da nossa Casa. Mal se continham de pé, que a diarreia, ali mesmo vista, era sinal da doença da cólera, em estado muito adiantado. A mãe andava por ali, meio perdida também.

Com a nossa carrinha, feita em ambulância, fomos numa corrida ao hospital de Benguela, a ver se ainda se podiam salvar estas crianças. Estas situações são o pão nosso de cada dia. Que Deus não nos deixe ficar insensíveis perante elas! Não se trata duma luta contra a pobreza. É um combate contra a miséria que fechou os caminhos da liberdade e da dignidade àqueles que se tornaram suas presas. Diante destes casos sentimo-nos como quem está diante dum poço sem fundo.

É aqui, nesta hora, que a nossa Fé no

Ressuscitado é posta à prova! Que o Espírito nos ajude a dar o salto do fracasso aparente do Calvário para a vitória da Ressurreição! Sim, porque a experiência nos diz que a nossa impotência, perante a imensidão dos problemas que passam diante dos nossos olhos, é uma tentação de fracasso, insensibilidade e de cruzar os braços.

Nada é mais gratificante na vida do que darmos a vida por quem não nos pode dar nada. Que nos pode dar esta gente que caminha pela vida como esqueletos, de peitos secos, com um filho pela mão e outro às costas, sujeita a todo o tipo de doenças, coberta de farrapos, que só sabe dizer: *Tenho fome?* Esta gente dá-nos o único necessário para a nossa vida: a oportunidade de a amarmos, sem nada esperarmos em troca.

Quem nos dera merecer pelo nosso amor paciente, acolhedor, esta hora do Calvário como passo para a Ressurreição. O mistério Pascal é para continuar.

Temos a Casa cheia

Agora, temos a Casa cheia. Somos 132 à mesa. Não falo das aflições por que passamos — que essas ficam connosco. Falo, sim, da alegria de ver o refeitório cheio de vida à hora das

refeições. E saber que são perto duma centena e meia de filhos arrancados à miséria! Esta é a grande alegria da Páscoa que anunciamos a todos os que nos acompanham. Mais, na hora em que vossos olhos poisarem nestas linhas, já o contentor que Porto de Mós nos mandou, estará em nossa Casa. Por enquanto, só temos os papéis. Daremos notícias com mais pormenor no próximo número.

Páscoa com muita paz e alegria

Passámos a Páscoa com muita paz e alegria em nossa Casa. Não tivemos uma amêndoa nem um reбуçado para os mais pequeninos e, também, para os maiores. Como não tínhamos, não se falou em nada disso. Mãos de mãe prepararam uns biscoitos e um bocadinho de bolo. Fiquei contente por ter encontrado uma caixa com 6 latas de leite, no mercado, que me custou os olhos da cara. Ao menos no dia de Páscoa não faltou a tigela do leite.

A Festa não pôde ser só para nós. Todos os que trabalham connosco participaram do nosso muito e do nosso pouco. Os que nos bateram à porta no dia de Páscoa levaram também a sua caneca de farinha de milho.

Padre Manuel António

A vida sem continuidade não é vida

A incapacidade de ler o passado, de o reflectir e valorizar, é que faz o Homem pecador...

Assim com o primeiro Homem que não deu importância ao sentimento mais forte que o habitava; também o Povo de Deus que pecou porque esquecera quem o libertara; assim os reis de Israel embriagados com o seu poder; e Judas Iscariotes...

Os homens continuam assim...

Aquela mulher, mãe de vários filhos, doente dos trabalhos que passou para arranjar sustento para eles, sem olhar aos cansaços, embora corresse

POBRES

por amor, pedia uma esmola...

«Eles não querem saber de mim, e ainda tenho este para criar, pelo menos até acabar os estudos para poder trabalhar!»

A casa pobre; o corpo pobre; a alma grande! Onde vai esta mulher buscar energia e sentido para viver?

Não sei o seu passado, mas grande luz dele se tem projectado para a vida desta mãe! Pode não perceber para onde caminha, mas vai bem alumiada.

Não direi o mesmo dos seus filhos. Daqueles casados que esqueceram as suas origens, o pão que comeram e como foi amas-

sado! «Eles não querem saber de mim!»

A vida sem continuidade não é vida. São vidas!...

O filho mais novo parece estar imbuído do mesmo espírito. A mobília, as paredes, tudo na casa é desmotivador. Mas ele pega no balde e vassoura e, a pedido da mãe que já não pode, lava e esfrega aquilo que parece não ter conserto...

A beleza não está no que se vê, diz-me este jovem, mas no que se vive. Não de modo egoísta, para gozar o presente, mas na serena partilha de vida solidária, porque fomos feitos companheiros de viagem; com um

princípio e que terá um fim na comunhão perfeita.

Não recusar a corresponsabilidade no viver de todos os dias é juntar; de outro modo seria desperdiçar. Abrir a corresponsabilidade para lá do humano, ao divino, é levar a Cruz com Jesus. É pegar na vida desde que o Espírito a insuflou e apresentá-la viva Aquele que a pode confirmar ou retirar.

São tantos hoje os que perdem o sentido da globalidade da vida e a espartilham em períodos que em nada ligam entre si! Laços partidos, vidas divididas, mãos que se separam. Definitivamente?

Nós queremos manter mão na mão com esta irmã. Se possível também o coração, pois não é a mesma força que os faz bater?

Padre Júlio

DOCTRINA

...com risco de amar e não ser amado.

S. PAULO



TENHO sido estes domingos, nos templos da cidade, à hora das Missas altas, o pregoeiro da Doutrina dos Apóstolos: «cuidar dos órfãos e das viúvas»; e os auditórios reverentes e silenciosos abrem as mãos e dizem *amen*. Depois de correr as igrejas da cidade, vem o ciclo das capelas nas praias do País aonde irei com novo prego: «Não te conformes, ó mortal, com a doutrina mai-los costumes do mundo» que também é ensinamento dos mesmos. Após o que chega a maré de bater casinos e cafés — «Ide por toda a parte!» — onde auditórios de outros credos e de outras cores também escutam com atenção as lições do Evangelho: «Ensinai todas as gentes». A gente vai sem a preocupação do que há-de comer, nem de onde há-de dormir, tampouco de como há-de regressar, sabendo de antemão que «todo o operário é digno da sua mercê».

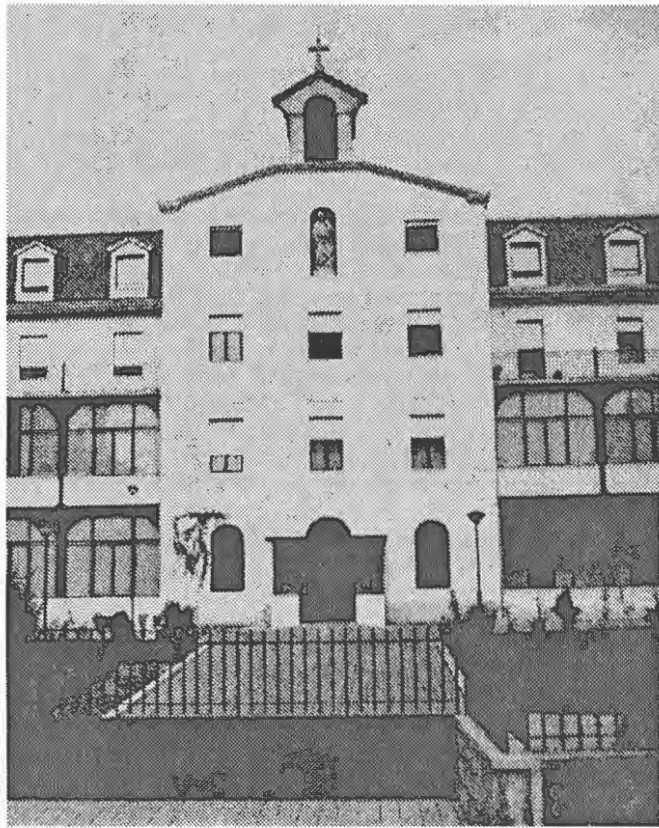
AS mulheres puxam das suas jóias, os homens das suas carteiras, os corações das suas lágrimas — e os «montes marcham à nossa frente», tal a fortaleza de quem palmilha o mundo «sem saca nem bordão!» Parece basófia, mas não: «Sei a Quem sirvo!»

DAR de comer a quem tem fome com as nossas próprias mãos e sacrifício da nossa própria vida; fazê-lo por Deus como, por seus filhos, fazem as mães, sem contar passos nem penas, só pelo gosto de os alimentar; ensinar os ignorantes, indo buscar o aluno à escola da Rua para que mais tarde não venha a errar — aqui tens a mística do Amor, o segredo divino de êxitos e de sucessos. Oh, não sejas superficial, nem te comprazes no «aquilo é que é sorte!» — como dizem de mim os profanos! Não. Mergulha o teu pensamento nestas singelas palavras, dá glória a Deus e acredita no Evangelho!

NA Missa do Colégio Novo, com o ser mais pequeno o templo e menor a concorrência, deram-me relativamente mais do que na de Santa Cruz. É a lógica das coisas. Naquela, sobriedade; nesta, refulgência. Havia bancadas inteiras de rubro glorioso! Tudo gosta de ser *estrela*. Grande castigo, o pecado original; triste condição a nossa! Ninguém escapa. E o nosso Bom Deus, que tudo compreende, movido de Misericórdia, quer amparar a nossa fraqueza; mas a gente faz beicinho e bate o pé! Cuidas ser inteligente?... Não... És infantil.

Padre António

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)



ENCONTROS em Lisboa

O que mais nos preocupa é o problema escolar

UM dos problemas que mais preocupa actualmente as Casas do Gaiato é o problema escolar. Temos que reconhecer que existe uma não adequação do actual sistema de ensino e as características dos nossos miúdos. Estamos em crer que o mesmo problema aparece em todas as crianças que, por qualquer motivo, não tenham o perfil adequado à filosofia (se é que a há, mas talvez seja melhor dizer à economia) que pôs de pé a actual legislação. Com efeito, o Estado assume os nove anos de escolaridade, findos os quais, quem não completou o nono ano terá que se refugiar ou no ensino recorrente nocturno ou nos cursos de pré-aprendizagem, não lhe sendo possível continuar no ensino diurno normal. Um exemplo concreto: um miúdo que termina este ano lectivo o 8.º ano e faz 15 anos no dia 20 de Agosto, não poderá continuar no ensino normal dado que a lei diz que só aí se poderá matricular se em 31 de Agosto não tiver ainda os 15 anos. Assim, só lhe

resta ir fazer o 9.º ano no ensino recorrente nocturno.

Feitas as contas, a Casa que me está confiada, de todos os miúdos que actualmente se encontram a frequentar o ciclo e o liceu (vinte e dois), apenas dois estarão dentro da idade normal para completar normalmente o 9.º ano se, entretanto, não tiverem nenhum problema. Será um problema de incapacidade dos nossos miúdos? A resposta é não, até porque nos últimos três anos, antes de entrar em vigor a nova legislação, fizeram normalmente o nono ano dezasseis de entre eles. A questão está nas origens dos nossos miúdos e no atraso com que iniciam uma escolaridade normal. A actual lei vai penalizá-los fortemente sem que eles tenham culpa e creio que, desta maneira, se comete uma injustiça que brada aos céus. Não será um caso para o Ministro da Justiça, ou Procurador Geral da República, ou Provedor de Justiça? Para mal dos nossos pecados bem bastam aqueles que nunca poderão ter a veledade de fazer o nono ano.

Naturalmente que há alternativas. O Ensino recorrente nocturno é uma hipótese. Pensado e sistematizado para adultos tem imensas lacunas na sua

adequação a jovens de 15 ou 16 anos. Depois é a noite... Os nossos são filhos da noite e da rua... Existe também a pré-aprendizagem que, embora apareça com alguns aspectos muito positivos, praticamente não existe e sou informado que este ano ainda não começou nenhum curso.

Esta situação vivida nas Casa do Gaiato pode estender-se a muitas franjas da população que vivem em zonas mais marginais, atingidas pela pobreza e pela miséria. Para todos estes me apetece pedir que, para além das considerações económicas que este problema levanta, se tenham vistas largas e se olhe todos estes jovens, para quem a sociedade definiu que para se ter acesso a cursos de aprendizagem ou para se ter alguma hipótese de escolha de emprego seria exigido o nono ano e agora se vêem relegados para fora do acesso aos níveis mínimos de escolaridade dentro de um enquadramento normal.

Não serão estes aspectos que nos farão desanimar, mas é verdade que esperamos uma enorme compreensão da sociedade civil que, de momento, não temos.

Padre Manuel Cristóvão

Irmãzinhas dos Pobres

Um ano festivo

OS Pobres têm em 1995 um ano festivo na celebração de Amigos seus que deram a vida por eles e deixaram rasto apelativo de outras vidas que os continuam no serviço a que Deus os chamou. No Céu, na posse plena da Vida que bem ganharam pela opção corajosa de *perder a vida*, que foi o seu programa no tempo deste mundo. Eles permanecem atentos aos que foram o seu amor na Terra e aos filhos espirituais que Deus chamou a segui-los.

Aquilo a que chamamos «repouso eterno» é um estado incessante de vigília, contemplação do *Acto Puro* que Deus é; e reflexão da *Imutabilidade Misericordiosa* sobre os homens. Deus não dorme. Os Santos também não. A vida celestial é intercessão sem fim em favor dos homens, especialmente daqueles de quem a vocação divina os constituiu já medianeiros na vida temporal. Por isso os Pobres têm motivo de júbilo no quinto centenário de S. João de Deus que se está celebrando, como no primeiro, que ora se celebra, da chegada das Irmãzinhas dos Pobres ao Porto.

A Bem-aventurada Joana Jugan lançou *solenemente* a primeira pedra da sua Congregação «numa noite do Inverno de 1839» quando, «ao ver uma mulher idosa, cega, semi-paralítica e reduzida à maior miséria, a toma nos seus braços e a leva às costas para o seu quarto, a deita na sua cama e cuida dela como uma filha faria à sua Mãe». Depois, outras tocadas pela Graça se lhe juntaram. Naturalmente, a Congregação difundiu-se primeiro em França. Portugal teve a ventura da sua presença quarenta anos após, em Lisboa; e desde o dia 2 de Janeiro de 1895 no Porto, não sei se logo no Pinheiro Manso que, de qualquer modo, ficou lugar marcado por elas, as «Irmãzinhas do Pinheiro Manso», como são geralmente conhecidas.

A confiança na Divina Providência foi o seu *capital* de estabelecimento e continua a sua maior riqueza. As Irmãzinhas não fazem obras delas. Deus, em Sua infinita Misericórdia, é o Sujeito da acção. Por isso é Ele que provê! Qual é o problema?!... Daí o arrojo delas, a ânsia insaciável de tratar sempre melhor os seus Senhores — Senhores, sim, porque é de Cristo que tratam na pessoa dos mais pobres, dos mais desamparados.

Por esta sintonia na mística da acção, bem se entende o gosto de Pai Américo pelas Irmãzinhas dos Pobres, que algumas vezes expressou nestas colunas.

Outra nota preciosa que as caracteriza é a sua discreção. Não se dá por elas. Ali não há sombra da tentação do «estrelato». É o Senhor em tudo, tornado evidente pelo apagamento delas.

Que Ele as guarde e faça crescer. Mais do que os nossos parabéns a elas pelo centenário, os parabéns a tantos — a todos nós — para quem elas são um dom de Deus.

Padre Carlos

Maré das prendas

NA maré das prendas da Páscoa venho dar conta do modo como foram chegando. Alguém, de Castelo Branco, se queixou da falta de registo, nesta *Tribuna*, dos cheques, caixas de roupa, sacas novas d'O GAIATO e de outros mimos de que os vendedores, todas as quinzenas, são portadores. Aqui fica o reparo. Também de Cafédé, ao lado de Castelo Branco, acuso o cheque de 70 mil proveniente da campanha de assinaturas ali efectuada.

E, aberto o livro do *Deve-Haver* aí vai a coluna dos que conosco comungam alegrias, preocupações e anseios de todas as horas e dias. Muitos outros preferem o anonimato por saberem das contas que Deus bem faz...

Do Fundão 40 mil que Amigo nosso pontualmente

Tribuna de Coimbra

transfere da sua para a nossa conta, sempre a encher e a esvaziar, com a recomendação de que 50 mil serão três novas assinaturas e o restante para os nossos «casos».

O Casal amigo, de Cebralais, ficou muito sensibilizado com a história do nosso mais pequenino e veio com 100 contos por recetar não poder fazer melhor por ele. Como está lindo!

Explicadora de matemática aos nossos do Lar, todas a semanas e cheia de boa vontade, trouxe uma mão amiga com 500 contos. Alguém sufragando a alma de sua mãe, com 100 contos. Da Marinha Grande, 50 mil. Outra mão amiga, de

Coimbra, com 20 mil. Ainda de Coimbra a oferta de Natal da Confraria da Rainha Santa com 20 mil. Uma excelente resposta aos apelos vários d'O GAIATO: «Um mês da minha pobre reforma», 27.600\$00. Do Gavião, por mão confiante, 25 mil. Mais 3 mil, de uma excursão.

No lançamento do livro de Sousa Dias, 140 mil; e da venda mesmo, noutra ocasião, 26 mil. Um emigrante com 15 mil. D. Eugénia, na sua visita semanal, faz-se sempre acompanhar de um cheque para os nossos Pobres. Ainda de Coimbra, no nosso Lar, o Amigo dos 7 mil — que não pede aviso de

recepção. Da Paróquia de Pataias, 33.300 escudos. Para uma Santa Páscoa, 15 mil. Muitas ofertas no nosso Lar e aqui em Casa durante esta quadra festiva. O nosso obrigado à Maria do Céu, do Luso, pela oferta para a compra das amêndoas. Este ano foi assim. De perto de Seia, Amigo nosso com uma soma enorme de contos. Pensou assim preparar melhor o «bilhete» da sua Viagem... Esperamos Deus ainda o conserve segundo a Sua vontade. Vamos destinar uma parte ao Património dos Pobres e outra às obras da nossa escola.

Certamente muitos outros gestos houve de bem-fazer. Não esqueçamos as nossas catequistas, quase todas dos Moinhos. Algumas à quarta-feira até vêm mais cedo para ajudar a dar banho aos meninos da casa-mãe. A todos Deus encha da Sua luz pascal.

Padre João

FESTAS

LISBOA

Nós aí estamos com a caravana em marcha a levar a nossa mensagem a muitos Amigos que a queiram escutar. Os rapazes andam entusiasmados e nervosos. Se tu soubesses o esforço deles não ficarias sentado por comodismo. Vinhas ver, mesmo que isso custe.

Próximas actuações:

30 de Abril, às 15,30 h. — Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, junto à rotunda do Marquês, na rua Camilo Castelo Branco — LISBOA;

7 de Maio, às 15,30 h. — Salão da Associação de Instrução e Recreio «Os Pimpões»;

13 de Maio, às 15,30 h. — Cine-Teatro de LOURES;

14 de Maio, às 15,30 h. — Ginásio do Instituto de ODIVELAS;

21 de Maio, às 15,30 h — Auditório da Paróquia de RIO DE MOURO.

Padre Manuel Cristóvão

SETÚBAL

29 de Abril, às 21,30 h. — Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO;

5 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Operária Amorense — AMORA;

6 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade do Grupo Popular Recreativo Cabanense — CABANAS;

13 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Incrível Almadaense — ALMADA;

19 de Maio, às 21,30 h. — Teatro Aveirense — AVEIRO;

20 de Maio, às 21,30 h. — Fórum Luiza Todi — SETÚBAL;

26 e 27 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Amut — SARILHOS GRANDES;

10 de Junho, às 21,30 h. — Gil Vicente — CASCAIS.